



III FÓRUM DAS JUVENTUDES

**DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL
RESISTÊNCIAS E LUTAS**

16 de novembro | Almirante Tamandaré

Local: Centro Social Marista - Ecológica
Rua Cinfrônio de Andrade, 200 - Jardim Norte - Alm. Tamandaré

FÓRUM DE JUVENTUDES

TEMA: DIVERSIDADE ÉTNICO RACIAL: RESSISTÊNCIA E LUTAS

18 de Novembro de 2016

Camila Grassi Mendes Faria¹- CSM Ecológica

Liz Meira Góes²- CSM Ecológica.

Marcieleh Lemos Rodrigues³- CSM Ecológica.

Sabrina Maria da Silva⁴- CSM Ecológica.

Suzi Mary Calixto⁵- CSM Ecológica.

Rafael Rocha Guimarães⁶- CSM Ecológica

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de trabalho desenvolvido com a Equipe de Pastoral junto à comunidade educativa, contribuindo com o currículo escolar, com as práticas pedagógicas e o processo formativo dos(as) educandos(as), fortalecendo os projetos interdisciplinares e principalmente o diálogo sobre a diversidade étnico-racial, destacamos o Projeto Fórum de Juventudes, através dele somos provocados a olhar para novas práticas que fomentem uma escola em pastoral.

Palavra-chave: Diversidade. Juventudes. Cultura Afro brasileira.

¹ Pesquisadora nas linhas de Educação para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (ESSAN), Educação Integral e Educação Popular. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atualmente atua como Pedagoga no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: camila.grassi@solmarista.org.br

² É educadora popular e possui Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento UFPR. Atua como docente de ciências na rede estadual de ensino do Paraná e no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: liz.goes@solmarista.org.br

³ Formada em Licenciatura- Geografia pela UFPR. Atua como docente de geografia no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: mlrodrigues@solmarista.org.br

⁴ Acadêmica em Bacharelado- Teologia PUC-PR. Atua como Assistente de Pastoral no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: sbsilva@solmarista.org.br

⁵ Acadêmica em Bacharelado- Teologia PUC- PR. Atua como Coordenadora de Pastoral no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: scalixto@solmarista.org.br

⁶ Estudante no Ensino Médio no Colégio Estadual Ambrósio Bini. Atua como Agente de Pastoral no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré- PR. E-mail: rocha.rafael@solmarista.org.br

Apresentação

Este projeto iniciou no Centro Social Marista Ecológica (CSM Ecológica), em 2014, realizamos o primeiro I Workshop de Relações Étnico-Raciais, com o tema “Outras vozes, outros saberes: história e cultura afro-brasileira”, com as rodas de conversa: A questão das drogas, a relação possível entre o Hip Hop e as religiões, o debate sobre o papel do negro na história do Paraná e as múltiplas manifestações culturais e sociais, como danças, ritmos e culinária, tivemos grande participação dos educandos, educadores e palestrantes.

Em 2015 resolvemos tornar o workshop em Conferência das Juventudes, com o tema: “Juventudes, Agora é a nossa vez!”, Os debates foram sobre o que os jovens desejam e propõem fazer para mudar o Brasil, nas mais diversas frentes de atuação. Para facilitar a discussão trabalhamos em cima dos 11 eixos temáticos, relacionados ao estatuto da juventude, do caderno de Direitos da Juventude- subsídio para o debate, os temas foram: Participação, Educação, Trabalho, Diversidade e igualdade, Saúde, Cultura, Direito à Comunicação, Esporte, Meio Ambiente, território e mobilidade, Segurança e Paz.

Em 2016 realizamos o III Fórum de Juventudes com o tema “Diversidade Étnico-Racial: Resistência e Lutas” na promoção do diálogo entre povos, culturas e religiões, refletindo sobre os direitos humanos e valorizando as diferentes culturas. Nossos educandos(as) citaram vários relatos sobre seu território, onde o preconceito e a discriminação é oculto e disfarçado. E foi neste contexto que a unidade se propôs em a criar condições e possibilidades para a problematização do tema.

Durante o Fórum aconteceram vários debates e práticas, como: Cultura Kainkang-Indígenas, Vogue Dance: Luta contra o preconceito, Drogas ou Bode expiatório, Extermínio da Juventude, Cultura do Estupro, Estética da Mulher Negra, Samba, Rap e Funk, Cotas, África inspirada Moda, Umbanda, Capoeira- Hip Hop, Juventude Ocupar e Resistir, Cultura do Reggae e Drogas.

Justificativa

Durante os projetos de pastoral, os(as) educandos(as) trouxeram vários relatos de sua realidade, onde o preconceito e a discriminação acontecem e ela é camuflada em forma de brincadeiras. Os temas trabalhados no Fórum foram trazidos pelos próprios educandos(as).

A proposta do Fórum foi construir um diálogo de discussão e reflexão sobre o preconceito e a intolerância dentro da comunidade escolar, aprendendo através do diálogo a respeitar o outro, na sua diversidade, na cultura, e na orientação sexual e racial.

Desenvolvimento

No mês de agosto os (as) educandos (as) junto com alguns educadores e a pastoral se uniram para pensar sobre a temática do terceiro Fórum de Juventudes nesta conversa surgiu a ideia de cada pilar do pátio tivesse um tema específico:

Pilar 1: Valorização da Cultura Indígena

Pilar 2: Africanidades: Valorização da Cultura Afro brasileira

Pilar 3: Mulheres Negras: Beleza negra, da escola da comunidade.

Pilar 4: Contra o extermínio da Juventude: Genocídio da juventude negra

Estes pilares foram pintados pelos educandos(as) e pastoralistas de acordo com cada tema, conforme aconteciam a preparação do Fórum.

1) Cultura Kaingang-Indígenas

A oficina foi ministrada por três indígenas da Etnia Kaingang: Marciano, Luiz e Tainara estudante da UFPR. Mostraram um pouco da cultura deles e das suas marcas tribais: Kamě e kajrukrě, contaram a história de origem dessas marcas e mostraram as imagens que cada um é representado. A seguir, conversaram um pouco sobre o número pequeno de indígenas no Brasil hoje a forma de organização em território protegido pela FUNAI. Além de a todo momento trazer a luta para a sobrevivência do povo e a condição das aldeias hoje devido a assimilação da cultura branca.

Abriram para os educandos (as) fazerem perguntas das mais diversas e responderam com grande sabedoria e cuidado. Os educandos (as) se mostraram bastante curiosos e empolgados com as discussões. No segundo momento da oficina fizeram uma atividade prática de luta kaingang. Dividiram em 2 grupos e mostraram para os educandos (as) a força do povo kaingang.

No final, lembraram que só aceitaram o convite por se tratar de uma discussão que aconteceu fora do dia 19 de abril (já que essa data não é comemorada pelos povos indígenas e sim o dia 9 de agosto). Lembramos que nos educadores e educandos (as) não indígenas temos o dever de nos solidarizar com a luta indígena e que esses momentos são muito ricos para estreitarmos nossos laços.

2) Vogue Dance: Luta contra o preconceito

Inspirado pelo vogue Silvester Neto (palestrante) contou sua história, origem e preconceito pelo estilo de dança, é uma luta pelo direitos gênero, onde muitas vezes vai de encontro com o racismo. É uma dança de empoderamento feminino, um olhar para o feminino dentro do masculino.

A prática foi a Dança Vogue- com os(as) educandos(as).

3) Drogas ou Bode expiatório

No começo da atividade teve objetivo de discutir com os(as) educandos (as) do ensino fundamental o contexto de exclusão social e racismo de estado que atravessa o debate sobre drogas, a oficina “Drogas: causa ou bode expiatório? Manutenção do Racismo de Estado de Juventudes Periféricas em tempos da Sociedades de Consumo” trouxe, por meio de vídeos de curta metragem, algumas reflexões sobre a porcentagem da população negra encarcerada, sobre as explicações que o senso comum produz, atribuindo à droga o papel de causa de todas mazelas sociais – quando seu uso abusivo é, de fato, mais sintoma do que causa.

Procurou estimular os jovens a produzirem, por meio de vídeos de curta metragem, algumas manifestações reproduzindo os estereótipos da mídia e do senso comum em relação a este debate, e o resultado, apesar do pouco tempo, foi extremamente satisfatório, evidenciando o potencial criativo e crítico dos educandos que ali estiveram.

4) Extermínio das Juventudes

A construção se iniciou com uma provocação aos educandos (as) se, “por acaso”, possuíam parentes, amigos, conhecidos jovens falecidos. A resposta foi unânime, todos compartilharam a experiência desta perda, seja de um amigo ou parente. Em seguida, foi refletido quais eram os pontos em comum da vida destes jovens: maioria negros e de realidade periférica.

Assim, construímos a partir de uma perspectiva histórica o trajeto deste negro periférico, para trazer para a reflexão, a sua vulnerabilidade social e o porquê de hoje ser mais propício ao homicídio. Vimos que os jovens, em sua maioria negros da favela, são vítimas de um racismo histórico que foi estigmatizado na sua cor, gênero, classe social e

cultura; e que são alvos de um descaso público, sendo “bode expiatório” de causa da violência no Brasil.

Na prática surgiu duas atividades, pensaram juntos quais seriam o papel da igreja e da comunidade diante do “extermínio de jovens”; b) com um tecido branco e tinta vermelha, escrevemos os nomes dos jovens que antes havíamos mencionado e pintamos as mãos marcando o tecido, em forma de protesto contra toda morte de jovem.

5) Cultura do Estupro

Em uma roda de conversa trouxeram o ranking de assédio e ataque contra mulheres no Brasil, 50 mil dos casos são jovens entre 13 a 19 anos, logo depois passaram um vídeo onde houve debate e partilha de vida, a palestrante contou um pouco da sua história.

Na prática fizeram uma atividade para que eles pensassem sobre o que levaria para um acampamento, na bolsa de uma menina/ menino percebemos a grande diferença entre o que elas necessitam e o que eles precisam. A ideia que está por trás disso é a de que as meninas devem seguir um padrão de comportamento específico se quiserem ser deixadas em paz. Cultura de estupro é assunto de todos. Estupro é uma violência, e uma violação grave dos direitos humanos que atinge mulheres desproporcionalmente.

6) Estética da Mulher Negra

Resgata a ancestralidade e presença da diversidade étnico Racial em nosso cotidiano. Foi produzido as bonecas Abayomi (bonequinhas negras de pano), visando a valorização da cultura afro e contribuição para o reconhecimento da identidade afro-brasileira estimulando a expressão criativa e a ludicidade. Contaram um pouco da sua origem e seu significado da palavra abayomi tem origem no iorubá, e significa aquele que traz felicidade ou alegria. É como oferecer ao outro o que se tem de melhor, algo que carregue nossas melhores qualidades.

07) Samba, Rap e Funk

Dentro das conjunturas sociais e históricas brasileiras a música sempre foi espaço de manifestações populares, principalmente as de protestos ou engajadas. Nesse contexto, a música de origem negra tem destaque na explicitação dos problemas sociais do nosso

cotidiano, como o racismo e a falta de condições das camadas populares brasileiras. Nascido de manifestações religiosas, da vida na periferia e do contato com outras culturas, o samba, o rap e funk são expressões culturais não só da população negra, mas de todo o povo brasileiro.

8) África inspirada Moda

O contexto da moda por dentro da África onde está ganhando espaço no mundo, como estilistas, modelos e artistas africanos (as) que estão se destacando. Este tema mostrou a identidade e os aspectos importantes da moda da africana: da Cultura, da forma, das cores e estampas, e dos estilos. Falar da moda afro, que faz parte da Cultura Brasileira, que é rica e vasta. Dessa forma, aproximando os(as) educandos(as) de sua identidade Afro e Brasileira.

9) Roda de Conversa: Umbanda

Foi promovido uma roda de conversa sobre a religião de matriz africana conhecida como Umbanda, para desmistificar os preconceitos em torno desta religião, além de apresentar alguns cantos e danças comuns nas ritualísticas de umbanda.

10) Capoeira/Hip-Hop

Nesta roda de conversa os palestrantes ressaltaram o surgimento da Capoeira e do Hip-Hop mostrando essa forte ligação, exibiram a chegada da Capoeira no Brasil por meio dos escravos africanos, como forma de dança ritualística, e usada como forma de defesa dos opressores.

Apresentaram o surgimento da Cultura do Hip-Hop e os cinco elementos: como o Grafite, DJ, MC, Break e o principal que é a história e o conhecimento, onde foi relacionado ao capitalismo, preconceito, miséria e a LUTA por dignidade humana. A partir do breve estudo acerca dos conteúdos, aconteceu a prática: uma roda de Capoeira e uma roda Break, os(as) educandos(as) participaram das rodas de forma atenta e empolgada.

11) Juventude Ocupar e Resistir

A sugestão para a construção da oficina surgiu dos estudantes, os quais vem acompanhando o processo de ocupação das escolas estaduais na mídia, e a dualidade apresentada entre o discurso hegemônico da mídia paga e a vivência dos egressos da escola, os quais participam dos processos de resistência contra a PEC 241 e 55; contra o projeto Escola Sem Partido e contramedida Provisória 746/2016, que prevê a Reforma do Ensino Médio.

Convidamos para ministrar a oficina os militantes do Movimento de Organização de Base (MOB), que realizam atividades de organização popular na ocupação Nova Primavera que contempla centenas de famílias em situação precária de vida.

Nesta oficina o movimento contou a história de sua construção e realizou com os educandos uma roda de conversa sobre as moradias irregulares que existem no município de Almirante Tamandaré problematizando com os mesmos sobre a violação de direitos humanos, em especial, o direito à educação, à cidade e a moradia.

Além desta abordagem, como o Fórum tinha como tema a cultura afro-brasileira e os processos de resistência e luta, Gabriela Barchechech que é uma das militantes do MOB relatou a história dos quilombos como grandes ocupações em que foram construídas como espaços de moradia, educação e usufruto da cultura africana, que até então era negada no Brasil pela opressão escravocrata.

A oficina abordou, portanto, as diferentes vertentes dos movimentos de ocupação, problematizando esta ação como ferramenta popular de resistência aos direitos negados historicamente.

12) Cultura do Reggae e Drogas

O palestrante mostrou a realidade e as origens da cultura do reggae, como foi criada e porque está relacionada ao mundo das drogas. Para o desenvolvimento e esclarecimento da oficina o palestrante mostrou a dança típica do reggae, roots reggae, dance hall reggae que foi produzida na década de 1970. Uma das características que podem caracterizar o reggae é a crítica social, como cantar a desigualdade, o preconceito, a fome e muitos outros problemas sociais.

Conclusão

Esta é uma proposta que dialoga com a realidade que a Equipe de Pastoral desenvolve no território, ao longo do projeto percebemos os frutos, os resultados dessa atividade. Logo, almejamos que este projeto ganhe forma e vida de acordo com os interesses dos educandos, a comunidade e o território envolvidos em um processo de parceria, horizontalidade e construção coletiva, onde as juventudes são protagonistas. Por fim, acreditamos que o Fórum de Juventudes sejam Espaço-tempo de formação pessoal e transformação nas escolas, no Território e nas políticas públicas.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M; CASTRO, M.G. **Relações raciais na escola: reprodução de desigualdades em nome da igualdade**. Brasília: Editora Unesco, 2006.

ARROYO, Miguel G. PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – **O que temos a aprender dos Movimentos Sociais? Currículo sem Fronteiras**, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003.

Disponível em:

<http://www.efdeportes.com/efd190/hip-hop-e-a-capoeira-na-educacao-fisica.htm>